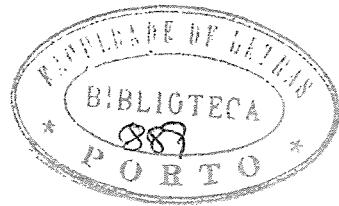


**gui a do
estudan
te da fa
culdade
de letras
do porto**

**RAMO EDUCACIONAL
1988/89**

FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

GUIA DO ESTUDANTE
IX



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1988/89

378(05)
Guia.

Guia do Estudante da FLUP

Publicação anual

Nº 9, 1988-1989

Edição: Conselho Directivo da FLUP

Dactilografia: Margarida Santos; M^a José

Fernandes; M^a Isabel Ferreira

Execução e impressão: Oficina Gráfica da FLUP

1. NOTA PRÉVIA

Em 1980-1981 iniciou-se a publicação do GUIA DO ESTUDANTE da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação do Conselho Directivo. No presente ano de 1988-89 vêm a público a sua 9^a edição.

Ao longo dos anos, o GUIA DO ESTUDANTE afirmou-se como um instrumento de informação útil para os alunos desta Faculdade. No sentido de reforçar a sua utilidade e difusão, decidiu-se apresentá-lo em fascículos de acordo com os anos de cada curso.

Procedeu-se, assim, à simplificação da introdução, remetendo os estudantes para o folheto Instruções Úteis aos Alunos, que a Universidade do Porto distribuirá gratuitamente no início do ano lectivo à semelhança do anterior. Nestas todos encontram as informações de natureza académica e social indispensáveis para a sua vida estudiantil.

2. ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE

Órgãos de gestão democrática da Escola (Dec. Lei 781-A/76, de 28 de Outubro):

- Assembleia Geral da Escola
- Assembleia de Representantes
- Conselho Directivo
- Conselho Pedagógico
- Conselho Científico

A partir de Janeiro de 1989 entrará em funções o Conselho Administrativo, no quadro da Lei Orgânica da Universidade do Porto (Dec. Lei 148/88), de 27 de Abril).

3. INSTALAÇÕES

A FLUP está presentemente instalada em dois edifícios, sitos à:

Rua do Campo Alegre, 1055

4100 PORTO

PORUTGAL

TELEF. 698441 (PPC)

A médio prazo, porém, disporá de edifício próprio no Pólo 3 da Universidade do Porto (Área de Expansão).

4. SERVIÇOS DA FACULDADE

A. Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições

" " Equivalências

" " Médias de Curso.

Horário normal de abertura ao público:

12h00-16h30

Encerra ao Sábado.

B. Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço fundamental da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular da parte dos Conselhos Directivos. São utentes de direito os docentes e alunos da FLUP.

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);na Sala de Obras de Referência (livre acesso)
- b) domiciliária (normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura)

Sala dos Ficheiros:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CDU (Classificação Decimal Universal)
- d) Cardex (publicações periódicas).

A partir de Janeiro de 1989, a Biblioteca Central oferecerá a possibilidade de pesquisa em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (Dicionários, Encyclopédias) e as revistas e publicações periódicas não saem para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

Horário de leitura:

2^a a 6^a feira - 9h00-19h00

Sábados - 9h30-12h00

Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon, oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade outros núcleos bibliográficos - Institutos, Salas e Centros - alguns dos quais com acesso permitido aos alunos.

Publicações periódicas da FLUP:

- . Revista da Faculdade de Letras (Conselho Científico):

Séries de História

Filosofia

Línguas e Literaturas

Geografia

- . Portugália (Instituto de Arqueologia)
- . Runa (Estudos Germanísticos, em colaboração com a Fac. de Letras de Lisboa)
- . Boletim Bibliográfico da Biblioteca Central
- . Boletim de Sumários (Biblioteca Central, difusão interna)
- . Guia do Estudante (Conselho Directivo)

C. Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da Escola.

Horário de atendimento ao público:

2^a a 6^a feira - 8h30-19h30

Sábados - 9h00-12h00

Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

5. BAR

Serviço de cafetaria e de "snack", dependente dos Serviços Sociais da Universidade do Porto, que estabelece o preçário.

Horário de atendimento ao público:

2^a a 6^a feira - 8h30-14h00

15h00-19h00

Sábados - Encerrado

Entre as 18h00 e as 19h00 funciona com talões pré-comprados.

6. PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Zonas demarcadas. Utilização do cartão fornecido pela Secretaria da Faculdade.

Horário: 2^a a 6^a feira - 7h30-23h00

Sábados - 7h30-13h00.

7. ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de licenciatura:

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses, Est. Port./

/Fran., Est. Port./Ingl., Est. Ing./Alem., Est. Franc./

/Alem., Est. Fran./Alem.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1988/89:

1º e 2º anos - Portaria nº 850/87

3º e 4º anos - Dec. Lei 53/78,

B. Cursos profissionalizantes:

a) Em ensino (regime transitório) - Port. 850/87

b) Em tradução (Port./Ingl., Port./Franc., Port./Alem. - Port.
nº 850/87) (regime transitório),

C. Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: em História Moderna

em História Medieval

em Filosofia do Conhecimento

em Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (2º ano)

D. Curso de Verão para Estrangeiros (em Julho).

8. INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (síntese):

1. Os alunos devem ter em atenção o regime e a tabela das precdências em vigor.

2. Profissionalização em ensino (Ramo Educacional)

- Regime Transitório - 1º ano:

- a) obrigatoriedade da frequência mínima de 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluam a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro concurso aberto após a conclusão da licenciatura;
- c) equivalências concedidas:

Filosofia: Filosofia da Educação - Introdução às Ciências da Educação

LIM: Didáctica da Língua Inglesa - Metodologia do Inglês;

- Regime Transitório - 2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Dir. Geral do Ensino Básico e Secundário;
- b) admissão ao ano de estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano.

3. Cursos de Tradução

a) Para alunos de LIM - possibilidades:

Variante de Est. Port./Ingl. - trad. Port./Ingl.

" " " Port./Fran. - " Port./Fran.

" " " Fran./Ingl. - " Port./Ingl. ou Port./Fran.

" " " Ingl./Alem. - " Port./Ingl. ou Port./Alem.

b) obrigatoriedade de frequência mínima:

2/3 das aulas práticas

50% das aulas teóricas.

c) podem candidatar-se os interessados com a licenciatura nas variantes atrás indicadas, devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos após a obtenção do grau.

9. INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

- a) No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.
- b) Reingressos, transferências, mudanças de curso:
- Editais afixados em 8 de Outubro
- Matrículas e/ou inscrição: 9 a 15 de Outubro (inclusivé)
- Reclamações: 9 a 15 de Outubro (inclusivé)
- Permutas: só no ingresso pela 1^a vez no Ensino Superior;
- c) Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1^º ano do curso em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congénères, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo;
- d) Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) – as disciplinas em atraso só podem ser feitas no curso seguinte.

Notas - 1. Para as restantes indicações, consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a atenção dos alunos para os avisos sobre a microradiografia.

10. NORMAS DE AVALIAÇÃO *

A publicação da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, que regulamenta as três épocas de exames finais - normal, de recurso e especial - obrigou a actualizar as *Normas de Avaliação*, que passam a ter a seguinte redacção:

"No desempenho das funções que lhe competem pelo Decreto-Lei nº 781-A/76, de 28 de Outubro, Art.º 21º, e de acordo com as normas de condicionamento do exame final definido pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico fixa como se segue as normas de avaliação de conhecimentos em vigor para o ano lectivo de 1985-1986, sem prejuízo da possibilidade de alterações que a experiência ulteriormente aconselhe, como acaba de proceder na sua última reunião de 30.6.86, Aproveita-se o ensejo de insistir na prática de um ensino aberto e crítico, na necessidade de coordenação interdisciplinar e de constante melhoria na definição de objectivos, métodos e critérios de avaliação, no sentido de se evitarem disparidades de disciplina para disciplina e de curso para curso.

Capítulo I - Disposições gerais

Art.º 1º - Admitem-se três modalidades de avaliação, integrando-se as duas primeiras nos termos e condições que a Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, entrega à competência do Conselho Pedagógico como condições de frequência escolar:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Exame final.

* NOTA: As presentes *Normas* são needitadas na ausência de alterações introduzidas pelo Conselho Pedagógico até 31.07.88.

Arto. 2º - No início do ano lectivo ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá o docente apresentar igualmente o plano de avaliação com explicitação dos objectivos pedagógicos-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1 - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos
- b) número de docentes
- c) natureza da disciplina

§ 2 - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Arto. 3º - Deve ser promovida a realização de trabalhos escritos e/ou práticos, individuais ou em grupo, a apresentar e a discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto, em todos os trâmites, a elaboração desses trabalhos e fixar o número máximo de alunos por grupo de trabalho.

Art.º 4º - Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro-Outubro), nas condições fixadas por lei.

Art.º 5º - Embora não seja permitida qualquer revisão de provas, os alunos, sempre que disso tenuham necessidade para a orientação do seu estudo, poderão solicitar aos respectivos docentes a consulta, todas as vezes que existe uma inequívoca finalidade pedagógica. No caso de prestação de prova oral, o aluno tem direito a ser informado acerca da nota que obteve na prova escrita correspondente.

Art.º 6º - As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da cadeira.

Art.º 7º - Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Art.º 8º - As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de exame oral, deverão ser arredondadas (ex: 9,5=10 e 7,5=8).

Capítulo II - Disposições Especiais

A - Avaliação Contínua

Art.º 9º - O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de provas, tais como: trabalhos escritos (individuais ou de grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais.

Art.º 10º - A avaliação contínua só poderá realizar-se em turmas cuja frequência média real não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

Art.º 11º - A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas teóricas, práticas e teórico-práticas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do professor.

Art.º 12º - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento das turmas da disciplina.

Art.º 13º - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência não ultrapasse o segundo mês de funcionamento da turma em que se encontram inscritos.

Art.º 14º - Nas cadeiras que funcionam em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

B - Avaliação Periódica

Art.º 15º - O número de provas a realizar em avaliação periódica será de duas escritas, podendo uma delas não o ser, se tal for solicitado pelo aluno e houver acordo por parte do cente.

Quaisquer outras provas que venham a ser realizadas no âmbito de cada cadeira serão facultativas.

§ Único - Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas como as restantes.

Art.º 16º - A indicação do calendário das provas será oportunamente feita pelo Conselho Pedagógico, tendo em conta a data do início das aulas.

Art.º 17º - Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar com os exames finais da época normal, na sua primeira chamada. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediаr um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Art.º 18º - As condições referidas no Artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa

das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre matéria respeitante àquela prova.

- 3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de oito ou nove valores, desde que a média das notas das suas provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária prova de repescagem para obtenção de passagem em avaliação periódica.
- 4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria de nota.
Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Art.º 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo, por conseguinte, substituir uma prova classificada com nota positiva.

- Art.º 20º - 1 - A inscrição do discente na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.
- 2 - É permitido ao discente a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deverá ser comunicada ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Art.º 21º - No caso das línguas vivas, sem prejuízo do

disposto nos art.os 16, 17 e 18 na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem a oral e obrigam a uma média mínima de 9 valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no artigo 8, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

- § 1 - Cabe aos leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o mínimo de intervalo de 48 horas após a fixação dos resultados das provas escritas.
- § 2 - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada entre as provas estipuladas pelo artigo 21.
- § 3 - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem

C - Avaliação Final

Art.º 22º - O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anterceder sempre esta.

Art.º 23º - A nota mínima da admissão à oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Art.º 8º.

Art.º 24º - Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Art.º 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não-admissão previsto no Art.º 23º.

Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela cadeira e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Art.º 27º - Sempre que se realize a prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota escrita e a nota oral.

Art.º 28º - A prova oral do exame final realizar-se-á em sala de porta aberta ao público e perante um júri constituído no mínimo pelo regente da cadeira ou turma e por mais um docente do curso.

Capítulo III - Observações Finais

Art.º 29º - Deverão promover-se as formas mais convenientes de integração activa dos alunos nas aulas, tanto na modalidade de avaliação periódica como na preparação para o exame final.

Art.º 30º - A matéria versada nos testes será a que tiver sido leccionada até sete dias antes do início do calendário estabelecido para a realização das provas.

Art.º 31º - As datas das provas deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

Art.º 32º - Segundo as normas legais, os alunos podem prestar só duas provas na época de recurso (Setembro - Outubro), independentemente dos resultados obtidos na época normal (Julho). (Situações mais complexas, de acordo com o Art.º 8º da Portaria 886/83, de 22 de Setembro, ficam dependentes de despacho reitoral. Ver também observações Importantes - I).

Art.º 33º - Os docentes e discentes devem recorrer ao Conselho Pedagógico sempre que estas normas se revelem omissas, deixem dúvidas de interpretação ou surjam diferendos de natureza pedagógica decorrentes da sua aplicação.

Observação final: Para melhoria de nota, os alunos poderão sujeitar-se de novo a exame na época de recurso (Setembro - Outubro) ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

Para melhor esclarecimento, transcrevem-se a seguir os Art.ºs 7º, 8º, 9º e 10º da Portaria nº 886/83 de 22 de Setembro:

Art.º 7º - (*Época Especial*): Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado, até um número máximo fixado nos termos do nº 8º, desde que com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção de um grau ou diploma.

Art.º 8º - (*Número de exames das épocas de recurso e especial*):

- 1 - Cabe ao Reitor da Universidade ou Instituto Universitário fixar, sob proposta do estabelecimento de ensino em causa, o número máximo de exames a que os alunos podem ser admitidos na época de recurso e na época especial.
- 2 - Em relação à época de recurso, o reitor poderá igualmente fixar um número máximo de exames especiais para alunos que com a aprovação nos mesmos reúnem as condições neces-

sárias à obtenção de um grau ou diploma.

3 - Em relação às épocas de recurso e especial, o reitor poderá igualmente fixar um número máximo de exames para alunos em determinadas situações, atentos problemas específicos de uma disciplina, ano, curso ou estabelecimento.

Art.º 9º - (*Regra supletiva*): Na ausência do despacho a que se refere o nº 8º o número de exames será o seguinte:

- a) Época de recurso: exames de 2 disciplinas anuais ou 4 semestrais;
- b) Época de recurso para os alunos a que se refere o nº 2 do nº 8º: exames de 3 disciplinas anuais 6 semestrais;
- c) Época especial: exames de 2 disciplinas.

Art.º 10º - (*Chamadas*): As regras gerais de avaliação de conhecimentos de cada estabelecimento de ensino poderão prever a existência de 2 chamadas em relação a cada exame na Época normal de exames.

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

I - Ao abrigo da presente portaria, na sua reunião de 28 de Maio de 1984, o Conselho Científico propôs "a realização de dois exames quer na época de recurso (Set./Out.), quer na especial (Dezembro)".

II - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota na época de Julho do ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar, têm de se cingir aos programas lectcionados durante o ano lectivo em que terá lugar o

novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

III - O Conselho Pedagógico, na sua reunião de 30.6.86, lembra ainda que os Senhores Professores devem cumprir, no início do ano lectivo, os Art.ºs 1º e 2º e recomenda que pormenorizem, tanto quanto possível, o tipo de avaliação por que optarem, com vista a um maior esclarecimento dos alunos.

11. CALENDÁRIO ESCOLAR PARA 1988-1989

- 1º - Cada semestre escolar terá a duração efectiva de 14 semanas.
- 2º - O início efectivo das aulas terá lugar entre 1 e 10 de Outubro de 1988.
- 3º - Recomenda-se que o período normal de avaliação termine em 15 de Julho, sendo a data limite para a sua conclusão 27 de Julho de 1989.
- 3º - A época de recurso decorrerá entre 1 e 20 de Setembro de 1989.
- 4º - Períodos de férias:
Natal: 17 de Dezembro de 1988 a 3 de Janeiro de 1989.
Carnaval: 4 a 8 de Fevereiro de 1989.
Páscoa: 20 de Março a 2 de Abril de 1989.
- 5º - Queima das Fitas (tolerância de ponto): 30 de Abril a 7 de Maio de 1989.
- 6º - Datas limites para envio das distribuições de serviço docente à Reitoria:
31 de Outubro (1º semestre) de 1988.
28 de Fevereiro (2º semestre) de 1989.
- 7º - As Escolas, ouvidos os respectivos Conselhos Pedagógicos, fixarão até 30 de Novembro de 1988 o calendário dos exames para o ano lectivo de 1988/89.

- Introdução às Ciências da Educação
- Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem
- Organização e Desenvolvimento Curricular
- Metodologia do Ensino do Português
- Metodologia do Ensino do Francês
- Metodologia do Ensino do Inglês
- Metodologia do Ensino do Alemão
- Metodologia do Ensino da História
- Metodologia do Ensino da Filosofia
- Metodologia do Ensino da Geografia

INTRODUÇÃO AS CIÉNCIAS DA EDUCAÇÃO

Docente: Prof. Doutor Fortunato Queirós

Prof. Doutor Adalberto Dias Vieira de Carvalho

Dra^a Margarida Louro Felgueiras

Dra^a M^a Amélia Lopes

1. Problemática epistemológica

1.1. Aspectos da evolução recente da investigação educacional.

1.1.1. O processo de definição da educação como objecto de estudo científico.

1.1.2. O debate qualitativo-quantitativo.

1.2. Quadro geral das Ciências da Educação.

1.2.1. A questão da identidade, da autonomia e da abertura das Ciências da Educação..

2. Problemática histórica

2.1. Matrizes culturais do pensamento pedagógico.

2.2. Aspectos da história do Ensino.

3. Problemática pedagógica

3.1. A crise da pedagogia tradicional: seu sentido e actualidade.

3.2. O debate pedagogias da essência/pedagogias da existência; directividade/ não directividade; pedagogias da heteroestruturação, da autoestruturação e da interestruturação.

3.3. Características e significado das pedagogias do projecto.

3.4. A formação de professores: o desafio da formação-investigação.

3.5. Por uma pedagogia da complexidade ...

4. Problemática sociológica

4.1. Condicionantes sociais da educação: uma perspectiva crítica

4.1.1. O insucesso escolar.

5. Problemática antropológica

5.1. A educabilidade como dimensão antropológica.

5.2. Reprodução, criatividade e cultura escolar.

5.3. Projecto e utopia

5.4. O corpo social e o corpo pedagogizado.

5.5. Razão e imaginação.

5.6. Liberdade e autoridade.

5.7. Recompensas e punições: um sentido antropológico

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

AVANZINI, G. - *A pedagogia no século XX*, Lisboa, Moraes, 1978.

CARVALHO, A. - *Epistemologia das Ciências da Educação*, Porto, Afronta
mento, 1988.

CLAUSSE, A. - *A relatividade educativa. Esboço de uma história e de
uma filosofia da escola*, Coimbra, Almedina, 1976.

DE LANDSHEERE, G. - *A investigação experimental em Pedagogia*, Lisboa, Pu-
blicações D. Quixote, 1986.

FABRE, A. - *L'école active expérimentale*, Paris, P.U.F., 1972.

MIALARET, G. - *As Ciências da Educação*, Lisboa, Moraes, 1976.

NOT, L. - *Les pédagogies de la connaissance*, Toulouse, Privat,
1979.

- NOT, L.; BRU, M. (sob direcção de) - *Où va la pédagogie du project?*, Toulouse, Ed. Universitaire du Sud, 1987.
- NOT, L. (sob direcção de) - *Une science spécifique pour l'éducation?*, Toulouse, Publ. de l'Univ. de Toulouse-le Mirail, 1984.
- RESWEBER, J. P. - *Les pédagogies nouvelles*, Paris, P.U.F., 1986.
- SNYDERS, G. - *Para onde vão as pedagogias não directivas?*, Lisboa, Moraes, 1976.
- SUCHODOLSKI, B. - *A pedagogia e as grandes correntes pedagógicas*, Lisboa, Livros Horizonte, 1972.

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DA APRENDIZAGEM

Docentes Dr. José Azevedo

Dr^a Fernanda Martins

Dr^a Bárbara Figueiredo

A educação é por nós conceptualizada como um processo de desenvolvimento integral do indivíduo. Neste sentido, a formação de professores deve ser encarada mais como uma formação de educadores do que como mera preparação técnica de docentes.

Desta forma, a disciplina de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem procurará capacitar o professor para intencionalizar o processo educativo, com o objectivo da promoção do desenvolvimento psicológico do educando.

Propõe-se facilitar aos futuros professores conhecimentos e atitudes que lhes permitam observar, compreender e orientar os comportamentos do educando no seu contexto socio-cultural.

1. OBJECTIVOS GERAIS

- Situar o estudo da adolescência no âmbito da Psicologia do Desenvolvimento;

Identificar as principais características da adolescência;

- Analisar as implicações do conhecimento da Psicologia da Adolescência na prática educativa;

- Desenvolver estratégias de intervenção educativa, no sentido de

5

favorecer o desenvolvimento harmônico do adolescente;

- Identificar as principais Teorias da Aprendizagem e sua implicações psicopedagógicas;
- Relacionar aprendizagem e desenvolvimento como factores de um es-
tudo global do adolescente em situação educativa;
- Aplicar conhecimentos a situações de ensino/aprendizagem;
- Desenvolver atitudes e práticas de facilitação da relação profes-
sor-aluno.

2. CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

I. Psicologia e Educação.

1. Objecto e método da Psicologia: a Psicologia como ciência expe-
rimental.
2. Correntes actuais da Psicologia.
3. A Psicologia na formação de professores.

II. Psicologia do Desenvolvimento.

1. Fontes e objectivos da Psicologia do Desenvolvimento.
2. Abordagem global do Desenvolvimento Humano.
 - 2.1. Factores do desenvolvimento.
 - 2.2. Processos de desenvolvimento
 - 2.3. Teorias do desenvolvimento humano e suas implicações educa-
cionais.
 - a) teoria cognitivo-desenvolvimental de PIAGET e KOHLBERG
 - b) teoria psicanalítica de FREUD
 - c) teoria psicossocial de ERIKSON

3. Abordagem específica do Desenvolvimento do Adolescente.

3.1. Introdução ao conteúdo de adolescência.

a) perspectiva histórica e antropológica.

b) adolescência no ciclo de vida (definição, duração e problemática)

3.2. Desenvolvimento físico e psico-sexual.

3.3. Desenvolvimento cognitivo.

3.4. Desenvolvimento moral.

3.5. Desenvolvimento interpessoal.

3.6. Construção da Identidade.

4. Abordagem específica do Desenvolvimento do Adulto.

III. Psicologia da Aprendizagem.

1. Definição e características da aprendizagem.

2. Principais concepções de aprendizagem e suas implicações psico-pedagógicas.

2.1. Teorias Behavioristas.

a) PAVLOV e o modelo do condicionamento clássico.

b) SKINNER e o modelo do condicionamento operante.

2.2. Teoria da Aprendizagem Social.

2.3. Teorias Cognitivas.

a) PIAGET e o processo de equilíbrio.

b) BRUNER e o processo activo de aprendizagem.

c) AUSUBEL e a aprendizagem significativa.

2.4. Teoria Humanista.

3. O ensino e a aprendizagem como um processo de resolução de problemas.

3.1. GAGNE e a aprendizagem cumulativa.

3.2. BUTLER e as possíveis aplicações das teorias da aprendizagem.

4. Aprendizagem, motivação e desenvolvimento.

3. METODOLOGIA

- Nas aulas teóricas, desenvolver-se-ão os quadros teóricos do conteúdo programático.

- Nas aulas práticas, realizar-se-á a discussão e aplicação desses conhecimentos através de:

- estudo do adolescente no seu contexto sócio-educativo;
- reflexão sobre as possibilidades de intervenção do educador na promoção do desenvolvimento do adolescente;
- análise de problemas de comportamento na sala de aula e estratégias de intervenção;
- treino de competências de relação interpessoal.

4. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

BEE, H. - *A criança em desenvolvimento*, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1984.

CLAES, M. - *Os problemas da Adolescência*, Lisboa, Verbo, 1985.

GALLATIN, J. - *Adolescência e Individualidade*, S. Paulo, Harper & Row do Brasil, 1978.

PAPALIA, D. E. e OLDS, S. W. - *O mundo da criança: da infância à adolescência*, S. Paulo, Mc Graw Hill do Brasil, 1981.

- PIAGET, J. - *Os seis estudos de psicologia*, Lisboa, Ed. D. Quixote, 1974.
- REYMOND-RIVIER, B. - *O desenvolvimento social da criança e do adolescente*, Ed. Universidade Nova, 1982.
- SNOWMAN, B. - *Psychology Applied to Teaching*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1986.
- SPRINTHAL, N. and COLLINS, A. - *Adolescent Psychology: a developmental view* New York, Random House, 1984.
- SPRINTHAL, N. and SPRINTHAL, R. - *Educational Psychology: a developmental approach*, New York, Random House, 1981.
- TAVARES, J. e ALARCÃO, I. - *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem* Coimbra, Almedina, 1985.

5. BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ADELSON, J. - *Handbook of Adolescent Psychology*, New York, John Wiley & Sons, 1980.
- AUSUBEL, D. P.; NOVACK, J. D. and HANESIAN, H. - *Educational Psychology: a cognitive view*, 2th ed., New York, Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- BANDURA, A. and WALTERS, R. H. - *Social Learning and Personality Development*, New York, Holt, Rinehart & Winston, 1963.
- BANDURA, A. - *Teoria del Aprendizaje Social*, Madrid, Espasa-Calpe, S. A., 1986.
- BEE, H. and MITCHELL, S. K. - *A Pessoa em Desenvolvimento*, São Paulo, Editora Harper & Row do Brasil, 1984.

- BORGES, M. I. - *Introdução à Psicologia do Desenvolvimento*, Porto, Jornal de Psicologia, 1987.
- BRUNER, J. S. - *The Process of Education*, New York, Vintage Books, 1963.5.
- *Uma Teoria da Aprendizagem*, Rio de Janeiro, Bloch 1975.
- COHN et al. - *To Be a Teacher: cases and concepts*, New York, Random House, 1986.
- DUKE-MECKEL - *Teachers guide to classroom management*, New York, Random House, 1984.
- ERIKSON, E. - *Infância e Sociedade*, 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- *Adolescência, Juventude e Crise*, 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- FREUD, S. - *Trois essais sur la Théorie de la Sexualité(1905)*, Paris, Éditions Gallimard, 1962.
- *Abnégé de Psychanalyse*, Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- GAGE, N. L. and BERLINER, D. C. - *Educational Psychology*, Boston, Houghton Mifflin Company, 1979.
- GAGNE, R. M. and BRIGGS, I. J. - *Principales of Instructional Design*, New York, Holt Rinehart & Winston, 1979.
- GAGNE, R. M. - *Como se realiza a Aprendizagem*, Rio de Janeiro, Livro Técnico, S. A., 1971.
- MAYER, R. E. - *Thinking, Problem Solving, Cognition*, New York, W. H. Freeman and Company, 1983.

- MOSHER, R. - *Adolescent's Development and Education*, Boston,
Mc Cutchan, 1979.
- PERREIRA, O. G. e JESUINO, J. C. - *Desenvolvimento Psicológico da Criança*
(vol. I, II e III), Lisboa, Moraes, 1976.
- PERRERIA, O. G., JESUINO, J. C. e JOYCE-MONIZ, L. - *A Criança e o Mundo*, -
antologia de textos de Psicologia do Desenvolvimento, Lisboa, Moraes, 1980.
- PIAGET, J. et INHELDER, B. - *La Psychologie de l'Enfant*, Paris, Presses Universitaires de France, 1973.
- *Da Lógica da Criança à Lógica do Adolescente*, São Paulo, Livraria Pioneira Editora, 1976.
- ROGERS, C. - *Liberdade para Aprender*, Belo Horizonte, Interlivros, 1977.
- ROYER-FELDMAN - *Humanistic Psychology: Applications and Theory*, New York, Random House, 1984.
- SKINNER, B. F. - *The Technology of Teaching*, New York, Appleton-Century-Crofts, 1968.
- *Sobre o Behaviorismo*, São Paulo, Cultrix, 1982.
- SMINORFF, V. - *La Psychanalyse de l'Enfant*, Paris, Presses Universitaires de France, 1966.
- TRAN-THONG - *Estádios e Conceito de estádio de desenvolvimento da criança na Psicologia Contemporânea* (vol. 1), Porto, edições Afrontamento, 1981.
- VALSINER, J. - *Culture and the development of children's actions: a cultural-historical theory of Developmental Psychology*, New York, John Wiley & Sons, 1987.

- VANDENPLAS-HOLPER, C. - *Educação e Desenvolvimento Social da Criança, Coimbra, Almedina, 1983.*
- VAZ SERRA, A. et al. - *Motivação e Aprendizagem, Porto, Edições Contraponto, 1986.*

ORGANIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO CURRICULAR

Docente: Dr^a M^a Fernanda Reis Figueira

Dr. Raul da Cunha e Silva

1. INTRODUÇÃO

A formação de professores implica uma reflexão profunda sobre duas vertentes indispensáveis.

Uma debruçar-se-á sobre a Educação por um prisma essencialmente especulativo: saber o que o professor está a fazer, porquê e para quê; isto é, compreender claramente o que é educar, que sentido tem a escola, qual a sua função e o seu contributo para o desenvolvimento dos alunos.

A outra, de carácter teórico-prático, ocupar-se-á com a aquisição de conhecimentos, recursos técnicos e destrezas que permitam ao professor desempenhar a sua tarefa profissional o mais eficazmente possível.

A disciplina de Organização e Desenvolvimento Curricular, abrangendo de certa forma todo o sistema de ensino, proporciona um espaço de análise crítica sobre o processo ensino-aprendizagem, sensibilizando os novos professores para a necessidade de racionalizarem e sistematizarem cientificamente esse processo, conseguindo assim promover o desenvolvimento global de cada aluno contribuindo para o sucesso escolar.

2. OBJECTIVOS

- Reflectir sobre os actuais modelos de educação.
- Relacionar educação com o processo ensino-aprendizagem.
- Adquirir os conhecimentos fundamentais sobre o Currículo, seus fundamentos, sua construção, desenvolvimento e avaliação.
- Analisar os diferentes modelos de ensino.
- Compreender a existência das várias orientações curriculares.
- Justificar, tendo como base a teoria curricular, as decisões a adoptar na acção didáctica.
- Desenvolver atitudes de reflexão e pesquisa.
- Aplicar o processo de desenvolvimento curricular a situações concretas.

3. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

1. Introdução

- 1.1. Explicitação do âmbito e objecto da disciplina.
- 1.2. Levantamento de conceitos básicos.
- 1.3. Análise de modelos educativos.
- 1.4. Modelos de ensino.
- 1.5. O ensino como actividade profissional.

2. Teoria Curricular

- 2.1. Conceitos de currículo.
- 2.2. Fontes e influências na elaboração do currículo.

2.3. Componentes estruturantes do currículo.

2.4. Orientações curriculares.

2.5. Formas de organização curricular.

3. Planificação do Currículo

3.1. Tipos de Planificação: a longo, médio e curto prazo.

3.1.1. Tabelas de especificação.

3.1.2. Sequenciação conteudal.

3.2. Modelos de planificação.

3.3. Componentes da estruturação didáctica.

3.3.1. Objectivos.

3.3.2. Conteúdos.

3.3.3. Estratégias.

3.3.4. Avaliação.

4. Avaliação do Currículo

4.1. Conceito de avaliação no processo de ensino-aprendizagem.

4.2. Análise da avaliação escolar:

4.2.1. Avaliação do processo.

4.2.2. Avaliação do produto.

4.3. Utilização no ensino da distinção e da relação entre avaliação diag-

nóstica, formativa, sumativa e prognóstica.

4.4. Avaliação iluminativa.

4.5. Construção de provas de avaliação.

4. ORIENTAÇÃO METODOLÓGICA

Os temas constituintes do programa serão analisados utilizando-se estratégias variadas, que possibilitem ao aluno observar diversas formas de actuação de um professor na sala de aula.

5. AVALIAÇÃO

Proceder-se-á conforme as normas gerais de avaliação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

6. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- CORTESÃO, L. e Torres, Maria - *Avaliação Pedagógica I e II*, Col, Ser Profesor, Porto Editora, 1983.
- D'HAINAUT, L. - *Educação. Dos Fins aos Objectivos*. Coimbra. Almedina, 1980.
- DOMINGOS, A. M. e outros - *Uma forma de estruturar o ensino*. Lisboa, livros Horizonte, 1981.
- ESCUDERO MUÑOZ, J. M. - *Modelos Didácticos*. Barcelona, oikos-tau, 1981.
- KELLY, Albert V. - *O currículo: teoria e prática*. São Paulo, Harbra, 1980.
- LANDSHEERE, V. e Landsheere G. - *Definir os objectivos da educação*. Lisboa, Moraes, 1977.

- MAGER, Robert F. - *A formulação de objectivos de ensino.* Porto Alegre, Globo, 1976.
- SARRAMONA, J. - *Curriculum y educación.* Barcelona, Ediciones CEAC 1987.
- STENHOUSE, L. - *Investigación y desarrollo del currículo.* Madrid Morata, 1987 (2^a edição).
- TRALDI, Lady Lina - *Curriculo.* São Paulo, Atlas, 1977.
- UNESCO - *O educador e a abordagem sistemática.* Lisboa, Estampa, 1980.
- ZABALZA, Miguel A. - *Diseño y desarrollo curricular.* Madrid, Narcea, 1987.

A bibliografia específica será oportunamente fornecida.

METODOLOGIA DO ENSINO DO PORTUGUÉS

Docentes: Dr^a Aida Santos

Dr^a Olívia Figueiredo

A. OBJECTIVOS

Dada a complexidade do ensino/aprendizagem da língua materna, na sua dupla vertente - ensino da língua/ensino do texto literário -, e considerando o papel predominante da língua materna no ensino em geral, impõe-se uma relação muito estreita entre a teorização de certas problemáticas e a prática pedagógica enquanto objecto fundamental da cadeira em questão.

A presente proposta de PROGRAMA, destinando-se a futuros professores de Português do ensino secundário (7º - 12º Anos de Escolaridade), tem como objectivos:

I. Gerais

1. compreensão do valor formativo - cognitivo e socio-afectivo - do ensino da língua materna.
2. compreensão da relação da língua materna com o ensino/aprendizagem das áreas disciplinares curriculares.
3. preparação para a actividade docente, através do equacionamento das variáveis complexas do acto pedagógico;

II. Específico

- preparação para a planificação, execução e avaliação de aulas de Português, com vista a uma gestão competente dos programas nos vários níveis/anos de escolaridade.

B. CONTEÚDOS PROGRAMÁTICOS

I. Situação actual do ensino do Português

1. Problematização dos objectivos do ensino da língua materna.
2. Análise dos programas oficiais.
3. Apreciação crítica dos manuais disponíveis.

II. Problemas teórico-metodológicos

1. Curso Unificado:
 - a) A problemática da leitura: texto não literário/texto literário.
 - b) A pedagogia da escrita.
 - c) Instrumentos de análise: gramática de frase/gramática de texto.
2. Cursos complementares:
 - a) Relação ensino da língua/ensino do texto literário.
 - b) Relação teoria/metodologias.
 - c) Didáctica da literatura: géneros literários; periodização.

III. Prática pedagógica

Planificação de unidades didácticas nos vários níveis do curso unificado e dos cursos complementares.

IV. Avaliação

A problemática da avaliação na aula de língua materna.

BIBLIOGRAFIA

- BLOOM, HASTINGS, MADAUS - *Manual de Avaliação Formativa e Sumativa do Aprendizado Escolar*, S. Paulo, Biblioteca Pioneira, 1983.
- BÉNAMOU, M. - *Pour une nouvelle pédagogie du texte littéraire*, Paris, Hachette, 1971.
- CHARMEUX, E. - *L'écriture à l'école*, Paris, CEDIC, 1983.
- *La lecture à l'école*, Paris, CEDIC, 1975.
- FERNANDEZ, A. et alii - *Didáctica del lenguaje*, Barcelona, Ceac, 1982.
- FONSECA & FONSECA, F. I. e J. - *Pragmática Linguística e Ensino do Português*, Coimbra, Liv. Almedina, 1977.
- FRIAS, A. A. - *A composição escrita, técnicas de correcção*, Coimbra Ed., 1982.
- HOSS, M. da C. - *Prática de Ensino da Língua Portuguesa*, S. Paulo Ed. McGraw Hill, 1977.
- LEVY-DELPLA, L. et alii - *Lecture d'une oeuvre*. Paris, Bordas, 1986.
- MANSUY, M. - *L'Enseignement de la littérature*. Paris, Ed. F. Nathan, 1977.
- MEDEIROS, J. B. - *Técnicas de redacção*. Lisboa, Atlas, 1984.
- MOIRAND, S. - *Situations d'Ecrit*. Paris, CLE International, 1979.
- PETITJEAN, A. - *Pratiques d'écriture*. Paris, CEDIC, 1982.
- PETITJEAN, R. - *De la lecture à l'Ecriture*. Paris, CEDIC, 1984.
- PORQUIER, R. e BESSE, H. - *Grammaires et didactiques des langues*, Paris, LAL, 1984.

- SILVA, L. M. - *A prática de redacção*, Porto Editora, 1983.
- SOUSA, J. B. de P. - *Didáctica de Português*, Rio de Janeiro, Ed. Aurora, 1972.

NOTA: Ao longo do curso serão fornecidas indicações complementares de livros e revistas.

METODOLOGIA DO ENSINO DO FRANCES

Docente: Dr^a Odete Santos

1. Enquadramento epistemológico da Metodologia/Didáctica do Ensino do Francês

O conceito de Metodologia das Línguas aponta, no essencial, para o discurso sobre a maneira de apresentar os conteúdos linguísticos e de os fazer adquirir pelo sujeito da aprendizagem. É, pois, um discurso de prescrição, orientado para um saber-fazer, o qual pressupõe uma estruturação coerente de técnicas, de processos e de actividades que integram o(um) método.

No estádio actual da investigação em Ciências Humanas, em geral, por um lado, e das chamadas Ciências da Educação, em especial, por outro, é praticamente inviável a organização sistemática, coerentemente estruturada, de métodos de ensino/aprendizagem das línguas.

Propugna-se, isso sim, e preferencialmente, por uma perspectiva eclética, em que técnicas e processos se compatibilizem com maleabilidade, com vista a uma mais eficaz adequação aos objectivos e às situações concretas do ensino/aprendizagem das disciplinas linguísticas.

Parece, pois, mais correcto falar-se de Didáctica das Línguas, já que, integrando no seu âmbito o discurso crítico dos métodos, tal cadeira permite reavaliar o campo epistemológico que enquadra a relação

do sujeito da aprendizagem com o saber, e com o saber-fazer linguístico, em especial. E por esta reflexão epistemológica terá de passar, obrigatoriamente, a formação dos professores de Línguas. A perspectiva orientada para a Metodologia, privada dessa componente essencialmente humanística, encerra-se no universo da práxis imediata, confina-se no espírito tecnocrático, esvazia-se de sentido.

2. Didáctica das línguas e Ciências Humanas: que relação?

O que caracteriza a Didáctica, em geral, é a natureza complexa das relações que estabelecem, no seu campo, os elementos necessários à sua legitimação, importados, estes, de um conjunto de domínios de saber, no qual a hegemonia pertence, naturalmente, à disciplina de que ela assegura a pedagogização.

Assim, sendo, a Didáctica das línguas recorre fundamentalmente à Linguística e às Teorias da Comunicação, enquanto disciplinas fundadoras da sua legitimidade. Cruzam-se com elas, as disciplinas que desempenham um papel instrumental na pedagogização de qualquer domínio do saber: a Psicologia e a Sociologia, as quais, combinadas com a Linguística, constituem respectivamente a Psicolinguística e a Sociolinguística.

A rede de relações estende-se, depois, pelo recurso às disciplinas que intervêm no ensino da Civilização: História, Geografia, História da Arte, Economia, etc..

A este leque já tão diversificado de "apports" acrescentam-se ainda a Literatura, a Filosofia, a Semiótica e, mais modernamente, a Linguística Textual.

O discurso da Didáctica das Línguas surge, assim, como um discurso transversal a esses domínios de saber e é a comunidade de interesses que dá unidade ao seu campo e lhe demarca as fronteiras.

A natureza complexa e profunda dos "apports" sobre que se funda-
menta a Didáctica das línguas obriga, claramente, a que se perspectivem,
na formação de professores de línguas materna e estrangeira, os aspectos
comuns às perspectivas Didácticas, sempre que tal formação recubra grupos
homogéneos de sujeitos.

O tronco comum de saberes multidisciplinares que é possível
constituir numa perspectiva integrada das Didácticas das línguas materna
e estrangeiras não esquece, obviamente, a especificidade dos aparelhos
pedagógico-didácticos que as respectivas áreas impõem.

3. Suportes teóricos e modelos pedagógicos que subtendem a Metodologia/Didáctica do ensino do Francês

3.1. Nível do aparelho teórico

3.1.1. Recurso aos conhecimentos em Linguística Textual, Psicolinguís-
tica, Sociolinguística, Pragmática Linguística que possuem os
formandos.

3.1.2. Recurso eventual aos conhecimentos em Teorias da aprendizagem, Psicologia Cognitiva e Pedagogia que possuem os formandos ou, no caso da inviabilidade a tais recursos, aquisição, por eles próprios, numa perspectiva de pesquisa, das noções teóricas de tais áreas disciplinares, indispensáveis ao campo das Metodologia/Didáctica do Francês.

3.2. Nível da organização pedagógico-didáctica dos cursos de Metodologia/Didáctica do ensino do Francês.

3.2.1. Isomorfia entre situações de ensino/aprendizagem na formação de formadores e situações de ensino/aprendizagem da língua em questão, em instituição escolar.

3.2.1.1. Recurso ao modelo tradicional;

3.2.1.2. Recurso ao modelo estrutural-global;

3.2.1.3. Recurso ao modelo comunicacional;

3.2.1.4. Recurso ao modelo intercultural;

3.2.1.5. Integração dos modelos referidos na metodologia do Projeto.

4. Enunciados programáticos da cadeira de Metodologia/Didáctica do ensino do Francês

4.1. Enquadramento histórico-económico, sociopolítico e cultural dos vários modelos pedagógicos do ensino/aprendizagem do Francês.

4.2. Tendências actuais da Metodologia/Didáctica do Francês.

- 4.3. Produção de um discurso crítico dos Programas oficiais para a disciplina em questão e dos métodos/manuais mais comumente utilizados em Portugal.
- 4.4. Planificação, execução e avaliação de unidades didácticas nos vários níveis de ensino/aprendizagem do Francês, nos cursos do ensino secundário unificado e nos cursos complementares.

BIBLIOGRAFIA

- BAUTIER, E. et al. - *Lignes de force du renouveau actuel en didactique des langues étrangères*, Paris, Clé International, Col. DLE, 1986.
- BESSE, H. et GALISSON, R. - *Polémique en didactique: du renouveau en question*, Paris, Clé International, Col. DLE, 1980.
- DULAY, BURTAND & KRASHEN - *Language Two*, New York, Oxford University Press, 1981.
- GALISSON, R. et al. - *D'autres voies pour la didactique des langues étrangères*, Paris, Créfif-Hatier, Col. LAL, 1982.
- HYMES, D. H. - *Vers la compétence de communication*, Paris, Créfif-Hatier, Col. LAL, 1984.
- MOIRAND, S. - *Enseigner à communiquer en langue étrangère*, Paris, Hachette, Col. F, 1982.
- PORQUIER, R. - *Aspects psychologiques de l'apprentissage des langues* - Texte d'une conférence organisée en janvier 1982, à l'Université de Compiègne.

- RICHTERICH, R. - *Communication orale et apprentissage des langues*, Paris, Hachette, Col. F, 1975.
- ROULET, E. - *Langue maternelle et langues secondes-vers une pédagogie intégrée*, Paris, Crédif-Hattier, Col. LAL, 1980.
- VERDELHAN, M. - "Renouvellement des concepts en didactiques et formation des enseignants de français langue étrangère." *Langue Française*, n° 55, sept. 1982.

METODOLOGIA DO ENSINO DO INGLÉS

Docentes: Prof. Doutor Manuel Gomes da Torre

Dr^a M^a João Alvéolos

OBJECTIVOS

O presente programa parte do princípio de que as restantes disciplinas que fazem parte do 1º ano do regime de transição do ramo educacional contribuem, conjuntamente, para proporcionar aos estudantes formação satisfatória em relação a aspectos da pedagogia geral e das ciências da educação. Por conseguinte, os objectivos desta cadeira colocam-se, rigorosamente, dentro das fronteiras que lhe são específicas e são os seguintes:

- a) Familiarizar os estudantes com o percurso seguido pelo ensino/ /aprendizagem das línguas estrangeiras ao longo dos tempos;
- b) Analisar as abordagens e métodos mais recentes numa perspectiva crítica;
- c) Despertar nos estudantes a necessidade de se manterem permanentemente actualizados através da consulta da literatura especializada e da participação em conferências, congressos e acções de reciclagem e actualização;
- d) Pôr os estudantes em contacto com a literatura essencial para a abordagem dos temas do programa;
- e) Desenvolver nos estudantes a capacidade de conceberem materiais

de trabalho, tais como planos de lição, testes, exames e outras formas de avaliação de conhecimentos;

f) Familiarizar os estudantes com a teoria e com os meios práticos da avaliação de conhecimentos;

g) Desenvolver nos futuros professores um esclarecido espírito de independência no sentido de adoptarem as atitudes pedagógico-didácticas mais consentâneas com a sua maneira de ser, com a natureza dos seus alunos e com as condições de trabalho que lhes sejam proporcionadas.

h) Apelar aos estudantes no sentido de preservarem uma rigorosa deontologia profissional.

PROGRAMA

0. O que é a metodologia do ensino (ou didáctica) das línguas vivas estrangeiras:

 0.1. Definição;

 0.2. Terminologia específica introdutória.

1. História breve dos processos de aprendizagem/ensino das línguas estrangeiras:

 1.1. A aprendizagem natural na transmissão das línguas de geração em geração;

 1.2. O início do ensino intencional das línguas estrangeiras;

 1.2.1. O ensino do grego aos jovens da aristocracia romana;

 1.2.2. A divulgação do latim nas províncias do Império Romano.

1.3. O ensino do latim nas escolas:

1.3.1. Durante a Idade Média;

1.3.2. No Renascimento;

1.3.3. O fim do latim como língua viva.

1.4. A consagração do método da gramática e tradução no século XVIII.

1.5. O século XIX: a continuidade e o começo da mudança:

1.5.1. O reforço do gramaticismo teórico e da análise gramatical;

1.5.2. O desenvolvimento da fonética e da psicologia;

1.5.3. As tentativas inovadoras dos finais do século: o

Método Natural, o Método Psicológico (ou das Séries),

o Método Fonético, o Método da Reforma.

1.6. O século XX:

1.6.1. Os Método(s) Directo(s);

1.6.2. O audiolingualismo behaviorista;

1.6.3. O código cognitivo;

1.6.4. O movimento comunicativo;

1.6.5. Os novíssimos métodos;

1.6.6. O inglês para fins específicos (ESP).

1.7. Os estudos ingleses em Portugal.

2. Disciplinas subsidiárias da didáctica das línguas vivas estrangeiras:

2.1. A linguística geral;

2.2. A linguística aplicada:

- 2.2.1. A análise contrastiva;
 - 2.2.2. A análise de erros.
 - 2.3. A língua materna:
 - 2.3.1. A transferência da língua materna;
 - 2.3.2. O papel da tradução.
 - 2.4. A gramática:
 - 2.4.1. Aprendizagem indutiva da gramática;
 - 2.4.2. A explicitação grammatical (consciencialização da aprendizagem);
 - 2.5. A cultura e a civilização de L2.
3. Componentes práticas do curso:
- 3.1. O plano de lição;
 - 3.2. Os materiais de ensino:
 - 3.2.1. O livro de textos;
 - 3.2.2. O livro do professor;
 - 3.2.3. Os livros auxiliares (de exercícios);
 - 3.2.4. As gramáticas;
 - 3.2.5. Os dicionários;
 - 3.2.6. Os auxiliares audiovisuais;
 - 3.2.7. CALL (computador assisted language learning).
4. A avaliação de conhecimentos:
- 4.1. Princípios e objectivos;
 - 4.2. Avaliação 'tradicional';
 - 4.3. Avaliação 'objectiva'.
5. Deontologia profissional.

BIBLIOGRAFIA

NOTA - A inclusão dos títulos seguintes (considerados essenciais) não significa obrigatoriedade de leitura integral de todas as obras. Pontualmente, à medida que o programa for cumprido, serão dadas indicações sobre as partes de leitura obrigatória.

- BRUMFIT, Christopher - *Problemas and Principals in English Teaching*, Oxford: Pergamon, 1980.
- CORDER, S. Pit - *Error Analysis and interlanguage*, O.U.P., 1982.
- DULAY, Heidi; BURT, Marina & KRASHEN, Stephen - *Language Two*, O.U.P., 1982.
- HOWATT, A.P.R. - *A History of English Language Teaching*, O.U.P., 1984.
- JAMES, Carl - "Foreign language learning by dialect expansion" in NICKEL, Gerhard (ed.) *Papers from the International Symposium on Applied Linguistics*. Bielefeld: Cornelsen-Velhagen & Klasing: 1-11, 1972.
- "The transfer of communicative competence", in FISIAK, J. (ed.) *Contrastive Linguistic and the Language Teacher*, Oxford: Pergamon, 1981.
- *Contrastive Analysis*, Longman, 1980.
- JOHNSON, Keith - *Communicative Syllabus Design and Methodology*. Oxford: Pergamon, 1980.
- LADO, Robert - *Linguistics Across Cultures*. Ann Arbor: The University of Michigan Press (1^a edição, 1957), 1980.

- LEWIS, Michael & HILL, Jimmie - *Practical Techniques for Language Teaching*.
Hove: Language Teaching Publications, 1985.
- LITTLEWOOD, William - *Communicative Language Teaching*, C.U.P., 1983.
- MACKEY, William F. - *Language Teaching Analysis*, Longman, 1969.
- McLAUGHLIN, Barry - *Theories of Second-Language Learning*, Edward Arnold,
1988.
- STERN, H.H. - *Fundamental Concepts of Language Teaching*, O.U.P.,
1984.
- WIDDOWSON, Henry - *Teaching Language as Communication*, O.U.P., 1978.
- WILKINS, David - *Notional Syllabuses*, O.U.P., 1976.

METODOLOGIA DO ENSINO DO ALEMÃO

Docente: Dr^a M^a Emilia Domingues

I

OBJECTIVO TERMINAL

Aquisição de conhecimentos científicos, psicopedagógicos e técnico-didácticos de carácter teórico-prático, que permitam ao futuro professor de Alemão uma prática lectiva correcta.

OBJECTIVOS INTERMÉDIOS

No final do curso o futuro professor deverá ser capaz de:

1. Analisar os problemas do ensino do Alemão em Portugal.
2. Perspectivar criticamente as diversas abordagens e métodos das línguas estrangeiras.
3. Analisar os conteúdos programáticos do Alemão no ensino secundário.
4. Planificar correctamente actividades pedagógicas.
5. Seleccionar conteúdos, materiais e estratégias adequadas à consecução de 4.
6. Criar situações de interacção que desenvolvam capacidades linguísticas.
7. Desenvolver técnicas de ensino-aprendizagem para a prática do Alemão.
8. Conhecer processos de avaliação pedagógica.

9. Mobilizar os conhecimentos adquiridos numa perspectiva de auto-avaliação e de formação contínua, tendo em vista o desenvolvimento de um estilo próprio.

II

ITENS PROGRAMÁTICOS (para o 1º Ano)

1. A língua e o ensino das línguas.

1.1. As variáveis da Educação.

1.2. O contributo da Psicolinguística, Sociolinguística e Pragmática.

1.3. Teorias de aquisição da Língua Estrangeira.

1.4. Métodos e técnicas de ensino-aprendizagem.

2. Perspectivação histórica das abordagens e métodos no ensino das Línguas estrangeiras.

2.1. A aprendizagem natural.

2.2. O método grammatical.

2.3. Os métodos directos.

2.4. Os métodos audiolinguais.

2.5. A abordagem comunicativa.

2.6. Os métodos e abordagens mais recentes.

2.7. O ensino programado.

3. O projecto do Conselho da Europa e o ensino do Alemão em Portugal.
4. Análise dos objectivos e conteúdos programáticos da disciplina de Alemão no ensino secundário.
5. Análise de manuais e outros materiais auxiliares de ensino.
6. Planificação do ensino-aprendizagem.
 - 6.1. Definição de objectivos.
 - 6.2. Selecção de itens linguísticos e socio-culturais.
 - 6.3. Selecção de estratégias/actividades de dinamização.
 - 6.4. Desenvolvimento de materiais auxiliares.
 - 6.5. Avaliação do processo ensino-aprendizagem.
7. O desenvolvimento da competência linguística e comunicativa.
 - 7.1. Estratégias de interacção.
 - 7.2. Os materiais auxiliares de ensino e sua utilização didáctica
 - 7.3. Os materiais autênticos.
 - 7.4. Identificação de necessidades de comunicação, papéis e intenções.
 - 7.5. A progressão-tipologia de exercícios.
 - 7.6. A gramática pedagógica.
 - 7.7. os aspectos interculturais.
 - 7.8. O trabalho projecto. Os "Baukästen".

NOTA:

A planificação do ensino-aprendizagem referida em 6. implicará sempre:

1. Mobilização dos conhecimentos das Ciências da Educação e dos outros ramos do saber.
2. Caracterização dos aspectos sócio-culturais, afectivos e linguísticos dos alunos.
3. Adequação dos conteúdos e estratégias às necessidades e interesses dos alunos.
4. Desenvolvimento integrado das quatro "skills".
5. Implementação de atitudes de cooperação.
6. Desenvolvimento da autonomia.

A formação de formadores implica sempre uma observação do ensino e uma prática lectiva previstas para o 2º ano deste curso.

Achamos, no entanto, fundamental iniciar os futuros professores na prática de observação e da prática lectiva já neste primeiro ano.

Para esse efeito teremos à nossa disposição aulas filmadas, que permitirão uma reflexão sobre aspectos específicos do procedimento didáctico de diferentes modelos.

Esta prática será ainda possível através de situações simuladas entre os futuros professores.

Este procedimento dará aos futuros professores a oportunidade de se aperceberem de alguns problemas do ensino e de se iniciarem nas técnicas de interacção e criação de situações de ensino-aprendizagem, permitindo-lhes fazer uma análise crítica e mobilizar positivamente o "feedback".

III

AVALIAÇÃO

A avaliação será realizada de uma forma contínua através de:

1. Participação activa nas actividades.
 2. Trabalhos específicos.
 3. Testes periódicos.
 4. Aula simulada.
 5. Relatório de auto-avaliação.

BIBLIOGRAFIA

- BALDEGGER, M. et alli - Kontaktswelle Deutsch als Fremdsprache. Europarat(hg).

BRUMFIT, C. J. - *The communicative Approach to Language Teaching*, London, CUP, 1979.

BOCKARTS, M. - *Towards a theory of learning based on individual differences Communication and cognition* Ohent, 1979.

BRENDAN, C. - *Testing Communicative Performance*, Oxford, Pergamon, 1980.

CANDLIN, C. J. - *Error analyses perspectives on second language acquisition*, London, Longman, 1974.

DRECKE, M. und LIND, W. - *Wechselspiel*, Berlin, Langenscheidt.

- EDELHOFF, C. - *Authentische Texte im Deutschunterricht*, München,
Hueber, 1987.
- *Zur Arbeit mit authentischen Texten Im Kommunikativen Unterricht*, Berlin, 1988, Langenscheidt.
- G. NEUNER, C. EDELHOFF e outros - *Didáctica das línguas estrangeiras*, Lisboa, Apáginastantas, 1985.
- GRELLET, F. - *Developing reading skills*, Cambridge, CUP, 1981.
- GOBEL, R. - *Lernen mit Spielen*, Fremdsprachenunterrichts-planung, Frankfurt - Bonn.
- GREWER, KRUGER, NEUNER - *Übungsformen und Sequenzen im Kommunikativen Deutschunterricht*, Berlin, Langenscheidt, 1981.
- HANNAH, L. S. MICHAELIS, J. V. - *A comprehensive framework for instructional objectives*, Addison-Wesley public, 1977.
- HALLIDAY, M. A. K. - *Relevante Sprachmodelle*, in Kochan DC(Hg), 1972.
- JOHNSON, K. - *Communicative syllabus design and methodology*, Pergamon Institute of English.
- KAST, B. - *Jugendliteratur im Kommunikativen Deutschunterricht*, Berlin, Langenscheidt, 1985.
- KEMME, H. M. - *Mein Gespräch-meine Lieder*, Berlin, Langenscheidt 1986.
- KLINZING, H. G. - *Training Kommunikativer Fertigkeiten zur Gesprächsführung und für den Unterricht*, München, Hueber, 1985.
- KRASHEN, S. D. - *The natural approach*, Oxford, Pergamon/Alemany, 1983.

- KRUGER, M. et alli - *Kommunikativer Deutschunterricht*, München, Langenscheidt, 1981.
- LARSEN, STEPHEN; DIANE - *Training teachers or educating a teacher? Techniques and principles in language teaching*, Oxford CUP, 1986.
- LOHFERT, W. - *Kommunikative Spiele für Deutsch als Fremdsprache*, München, Hueber, 1986.
- MALEY, A. and DUFF, A. - *Szenisches Spiel und freies Sprechen im Fremdsprachenunterricht*, München, Hueber, 1986.
- MEESE, H. - *Systematische Grammatikvermittlung und Spracharbeit*, Berlin, Langenscheidt, 1984.
- MUNBY, J. - *Communicative syllabus design*, Oxford, CUP.
- MULLER, B. J. - *Lernen im Fremdsprachenunterricht*, Berlin, Langenscheidt.
- NEUNER, G. (Hg) - *Pragmatische Didaktik des Englischunterrichts*, München, Schöning, 1979.
- PIEPHO, H. E. - *Deutsch als Fremdsprache in Unterrichtsskizzen*, Heidelberg, Quelle und Meyer, 1980.
- PRIDE, J. B. - *Sociolinguistic aspects of language learning and teaching*, Oxford, OUP, 1979.
- RICHARDS, J. C. and RODGERS, T. S. - *Approaches and Methods in language teaching*, Cambridge language teaching library, Cambridge, 1986.
- RICO, G. L. - *Garantiert Schreiben lernen*, Rowolt, 1984.
- ROHRER, J. - *Die Rolle des Gedächtnisses beim Sprachenlernen*, Kamp. Bochum, 1979.

- STEVICK, E. - *Memory, meaning and method*, Newbury House Rowley, 1975.
- SCHAUSS, D. - *Didaktik und Methodik Deutsch als Fremdsprache*, Berlin, Langenscheidt, 1984.
- WIDDOWSON, H. G. - *Teaching language as communication*, Oxford, OUP, 1978.
- WILKINS, D. - *Notional syllabuses*, Oxford, OUP, 1976.
- *Perspectives on second language acquisition and language teaching*, London, Edward Arnold, 1976.
- *Linguistics in language teaching*, Oxford, OUP, 1979

REVISTAS - JUGENDSCALA

ZIELSPRACHE DEUTSCH

FORUM

PRAXIS DEUTSCH

METODOLOGIA DO ENSINO DA HISTÓRIA

Docente: Dr. Aníbal Barreira

1. OBJECTIVOS DA DISCIPLINA

No final do ano lectivo os alunos deverão saber:

1. Definir claramente os objectivos de aprendizagem
2. Formular regras essenciais à definição de objectivos
3. Reconhecer o papel preponderante dos objectivos educacionais
4. Adequar estratégias de actividades à prosecução dos objectivos da disciplina
5. Distinguir métodos fundamentais do ensino da aprendizagem
6. Relacionar objectivos-estratégias com as técnicas da avaliação
7. Elaborar instrumentos de avaliação (testes de diagnóstico, formativos, sumativos e fichas de observação)
8. Reflectir sobre a importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem
9. Adequar a planificação às etapas fundamentais da sua formulação (objectivos, métodos/estratégias, avaliação)
10. Perspectivar o ensino-aprendizagem como um processo global e não atomizado

II. CONTEÚDOS

1. Objectivos da disciplina
 - 1.1. objectivos gerais
 - 1.2. objectivos específicos
 - 1.3. regras da formulação de objectivos
 - 1.4. importância da definição de objectivos no processo ensino-aprendizagem da disciplina
 - 1.5. integração dos objectivos nos métodos e técnicas educacionais
 - 1.6. a problemática da pedagogia por objectivos
 - 1.7. aplicação prática dos conteúdos
2. Métodos e técnicas
 - 2.1. método expositivo; apreciação
 - 2.2. métodos activos (exploração de documentos, utilização do painel, técnicas audio-visuais, técnicas de grupo)
 - 2.3. adequação dos métodos/técnicas aos objectivos/indicadores de aprendizagem
 - 2.4. aplicação prática dos conteúdos
3. Avaliação—elementos e funções da avaliação
 - 3.1. técnicas da avaliação (elaboração dos instrumentos da avaliação)
 - 3.2. funções da avaliação
 - 3.3. aplicação prática dos conteúdos
4. Planificação

- 4.1. distinção entre planos a longo, médio e a curto prazo
- 4.2. etapas fundamentais da elaboração de um plano
- 4.3. aplicação prática dos conteúdos

III. BIBLIOGRAFIA

- ANZIEU, D. e Martin, J. Y. - *La Dynamique des Groupes restreints*, P.U.F., Paris, 1971.
- BARTOLOMEU, Francisco de - *Avaliação e orientação, objectivos, instrumentos, métodos*. Livros Horizonte, Lisboa, 1980.
- BONBOIR, Anna - *Como avaliar os alunos*, Seara Nova, Lisboa, 1976.
- BRUNET, J. P e Plessis, A. - *Explications de textes Historiques*. Armand Colin, Paris, 1970.
- CHAFFER, John e Taylor, Lawrence - *A História e o Professor de História*, Livros Horizonte, Lisboa, 1980.
- COLTHAM, J. and Fines, J. - *Educational Objectives for the Study of History, a suggested framework*, Teaching of History nº 35, Historial association, Londres, 1980.
- COLTHAM, J. - *The Developement of Thinking and the learning of History*, Teaching of History nº 34, Historical Association, London, 1971.
- CORTESÃO, Luisa e Torres, M^a Arminda - *Avaliação Pedagógica I Insucesso Escolar*, Porto Editora, Porto, 1982.
- *Avaliação Pedagógica II Perspectivas de Sucesso*, Porto, Porto Editora, 1983.

- DOMINGOS, Ana Maria; Neves, Isabel Pestana e Galhardo, Luísa - *Uma forma de Estruturar o Ensino e a Aprendizagem*, Livros Horizonte, Lisboa, 1987.
- GORING, Paul A. - *Manual de medições e Avaliação do Rendimento Escolar*, Almedina, Coimbra, 1981.
- OURGAND, R. - *As técnicas de trabalho de Grupo*, Moraes, Lisboa, 1977.
- HANNOUN, Hubert - *A Atitude não-directiva de Carl Rogers*, Livros Horizonte, Lisboa, 1980.
- LANDSHEERE, Gilbert - *Avaliação Contínua e exames. Noções de Docimologia*, Almedina, 1976.
- LANDSHEERE, Vivianne e Gilbert - *Definir os objectivos da educação*, Moraes editores, Lisboa, 1976.
- LEROY, Gilbert - *Le Dialogue en Education*, P.U.F., Paris, 1970.
- MATRAS, Jean-Jacques - *L'audio-visuel*, P.U.F., Paris, 1974.
- NEVES, M^a Apparecida Mamede - *Ensinarundo e Aprendendo História*, EPU, S. Paulo, 1985.
- NOUSCHI - *Le commentaire de textes et de Documents Historiques*, F. Nathan, Paris, 1969.
- POSTIC, Marcel - *Observação e Formação de Professores*, Almedina, Coimbra, 1979.
- VALEJO, Pedro Morales - *Manual de Avaliação Escolar*, Almedina, Coimbra, 1979
Boletim informativo do Ministério da Educação e Ciência, formação em serviço.

METODOLOGIA DO ENSINO DA FILOSOFIA

Docente: M^a Florinda Albergaria

FINALIDADES

No pressuposto de que saber e saber ensinar não são coincidentes e de que o uso pedagógico de um não saber não decorre espontaneamente da posse desse saber mas exige, a par de uma fundamentação teórica do acto de ensinar, aquisição de técnicas e processos metodológicos especializados, as finalidades que este programa se propõe atingir são:

- favorecer uma reflexão crítica sobre o acto pedagógico, na perspectiva da filosofia;
- propiciar a integração da informação científica pré-existente no quadro das exigências do ensino da filosofia;
- permitir a aquisição e o desenvolvimento das competências didácticas requeridas pelo ensino da filosofia no ensino secundário;
- estimular o desenvolvimento de atitudes e competências no sentido da auto-formação.

OBJECTIVOS

Pretende-se que, no final do curso, o aluno seja capaz de:

- compreender o sentido e a importância do acto pedagógico;

- analisar criticamente o lugar e o papel do ensino da filosofia no contexto curricular;
- cultivar o sentido de problematização permanente dos temas filosóficos;
- consciencializar as potencialidades interdisciplinares da filosofia;
- analisar a estrutura, finalidades e conteúdos dos programas, quais quer que sejam;
- mobilizar os conhecimentos científicos de que dispõe, no quadro das exigências programáticas;
- explicitar as metodologias de ensino mais adequadas à aprendizagem da filosofia;
- analisar as estratégias e as técnicas utilizáveis no ensino da filosofia;
- reconhecer a importância da avaliação para o ajustamento da prática pedagógica.

ESQUEMA PROGRAMÁTICO

I. INTRODUÇÃO

1. A escola e o progresso de ensino-aprendizagem;
2. A relação pedagógica e os seus elementos. O professor de filosofia.

II. A DIDÁCTICA DA FILOSOFIA E A SUA ESPECIFICIDADE

1. A Filosofia no curriculum do ensino secundário

- 1.1. Problemas do ensino da filosofia. Formação e informação;
- 1.2. Relação da filosofia com as outras disciplinas. Inter e transdisciplinaridade;
- 1.3. Objectivos e programas.

2. Os instrumentos didácticos em Filosofia

- 2.1. Planificação didáctica: a articulação de objectivos e conteúdos
- 2.2. Execução didáctica:
 - 2.2.1. Métodos filosóficos e métodos pedagógicos;
 - 2.2.2. A lição de filosofia;
 - 2.2.3. A comunicação na aula;
 - 2.2.4. O trabalho de texto;
 - 2.2.5. Trabalho de grupo;
 - 2.2.6. Trabalho dirigido.
- 2.3. Meios auxiliares da didáctica da filosofia;
- 2.4. Avaliação.

AVALIAÇÃO

O esquema de avaliação dos alunos será o que se encontra em vigor na Faculdade.

BIBLIOGRAFIA

- BARBOSA, Beatriz R. - *Filosofia, Pedagogia e Didáctica I e II*, Ed. do A., Coimbra 1984 e 1988.
- CHATELET, F. e outros - *Políticas da Filosofia*, Moraes Ed., Lisboa, 1977.
- CORTESÃO, Luísa - *Avaliação Pedagógica II*, Ed. Porto Editora s/d.
- DUARTE, Manuel D. - *Objectivos, Estratégias e Avaliação no Secundário - O Exemplo da Filosofia*, Livros Horizonte, Lisboa, 1982.
- ENTONADO, Florentino B. e outros - *Didáctica General*, Ed. Anaya, Madrid, 1983.
- FEY, Eduardo - *O Ensino da Filosofia*, Separata Brotéria, vol. 107, 1978.
- GILOT, Fernando - *O Ensino da Filosofia*, Ed. Livros Horizonte, Lisboa, 1976.
- IZUQUIZA, Ignacio - *La Clase de Filosofía como Simulación de la Actividad Filosófica*, Ed. Anaya, Madrid, 1982.
- MARINHO, José - *A Filosofia Ensino ou Iniciação*, Ed. Instituto Gulbenkian de Ciência, Lisboa, 1972.
- NEVES, Eduíno e GRAÇA, Marina - *Princípios Básicos de Prática Pedagógico-Didáctica*, Porto Editora, 1987.
- POSTIC, Marcel - *A Relação Pedagógica*, Coimbra Editora, 1984.
- SANTIUSTE, Victor e VELASCO, Francisco G. de - *Didáctica de la Filosofía*, Ed. Narcea, Madrid, 1984.
- SANTOS, Delfim - *Da Filosofia*, Livros Horizonte, s/d.

- VALENTE, Bartolomeu - *Escola Madrasta*, Livros Horizonte, Lisboa, 1985.
- VÁRIOS - *Etats Généraux de la Philosophie*, Ed. Flammarion
 Paris, 1979.
- GREPH - *Qui a peur de la Philosophie*, Ed. Flammarion, 1977.

REVISTAS: Cahiers Pédagogiques, nº 159, Dezembro, 1977.

Les Amis de Sèvres, nº 4, Dezembro, 1979.

Revue de L'enseignement Philosophique

METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

Docente: Dr. José Queiroz Marques dos Santos

1. FINALIDADES

A preparação dos professores de Geografia implica necessariamente a aquisição de princípios de ordem metodológica que, pela sua importância e actualidade, constituam os fundamentos e as bases de toda a formação pedagógica.

Como a Geografia não constitui uma área isolada do saber, a referida preparação terá que incidir não só nos seus princípios metodológicos específicos, mas também em princípios comuns a outras disciplinas, indispensáveis a um bom entendimento e a um eficaz desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Verifica-se assim a existência de uma diversidade de situações a contemplar num programa de Metodologia da Geografia, cuja finalidade última consiste em procurar que aqueles a quem se destina consigam estabelecer uma articulação coerente entre as Ciências da Educação e a prática pedagógica.

2. ESQUEMA CONCEPTUAL

O professor de Geografia deve possuir um conjunto de conhecimentos de natureza pedagógica que, ao serem postos em prática, possibilitem

o desenvolvimento de actividades conducentes à formação dos educandos.

3. OBJECTIVOS

- Reflectir sobre a actividade profissional do professor de Geografia.
- Relacionar a evolução do ensino da Geografia com o ambiente sócio-cultural vivido.
- Reflectir sobre o valor formativo da Geografia.
- Analisar o estatuto da Geografia enquanto disciplina curricular.
- Julgar da inserção dos professores de Geografia no projecto da Escola cultural.
- Dominar os fundamentos de natureza psicológica e sociológica que servem de apoio a uma Pedagogia geográfica.
- Dominar os conhecimentos relativos aos conteúdos geográficos inerentes aos planos de estudos em vigor.
- Integrar os conteúdos geográficos no todo dos programas, valorizando os aspectos interdisciplinares e transdisciplinares.
- Diferenciar os métodos e as técnicas utilizadas no ensino da Geografia.
- Participar em trabalhos conducentes à aplicação dos recursos mais frequentes utilizados no ensino da Geografia.
- Organizar a sala de Geografia.
- Planificar, tendo em conta os programas de Geografia.
- Comparar estratégias diversificadas no ensino-aprendizagem da Geografia.
- Aplicar técnicas de expressão e comunicação utilizadas em Geografia.

- Analisar formas de observação dos alunos na sala de aula.
- Elaborar testes e outros tipos de provas com o fim de serem avaliados os conhecimentos geográficos.
- Mobilizar todos os recursos disponíveis com vista à realização de trabalhos de campo, enquanto actividades interdisciplinares privilegiadas e elementos de desenvolvimentos dos conhecimentos geográficos.
- Desenvolver os conhecimentos, métodos e técnicas adquiridos numa perspectiva de autoformação permanente, enquanto professor de Geografia.

4. CONTEÚDOS

INTRODUÇÃO: Ser professor de Geografia.

I PARTE: VALOR EDUCATIVO DA GEOGRAFIA

- Evolução do ensino da Geografia; relação com o desenvolvimento progressivo dos conhecimentos geográficos e com as concepções mais correntes desta ciência.
- Importância da Geografia no campo formativo.
- Inserção dos professores de Geografia no projecto da Escola Cultural.
- Fundamentos de uma Pedagogia geográfica.

II PARTE: ORGANIZAÇÃO DO ENSINO DA GEOGRAFIA

- Programas; articulação; interdisciplinaridade.

- Métodos e técnicas de ensino.
- Recursos de utilização mais frequente.
- Organização da sala de Geografia.
- Preparação e desenvolvimento da lição de Geografia; planificação; estratégias de ensino-aprendizagem; utilização de meios auxiliares; observação dos alunos; elaboração de testes; avaliação.
- Trabalho de campo.

5. FORMAS DE ACTUAÇÃO

Serão analisados os temas constituintes do programa, utilizando-se estratégias variadas que possam dar aos alunos uma visão ampla das diversas formas de actuação de um professor na sala de aula.

6. AVALIAÇÃO

Proceder-se-á conforme as normas gerais de avaliação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

7. BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- BAILEY, P. - *Didáctica de la Geografía*, Madrid, Editorial Cincel, 1985.

- DEBESSE-ARVISPT, M. L. - *A educação geográfica na escola*, Coimbra, Livraria Almedina, 1978.
- FERNANDEZ, Salvador Aldana - *Didáctica de las Ciencias Humanas - GEOGRAFIA*, Alcoy, Editorial Marfil, 1982.
- GRAVES, Norman J. - *La enseñanza de la geografía*, Madrid, Visor Libros, 1985.
- NEVES, Eduíno e GRAÇA, Marina - *Princípios básicos da prática pedagógico-didáctica*, Porto, Porto Editora, 1987.
- OLIVEIRA, J. M. Pereira - *Breve reflexão sobre o valor formativo da observação em Geografia*, separata da Biblos - Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. LIV, Coimbra, Imprensa de Coimbra Limitada, 1977.

NOTA: Bibliografia específica para os assuntos a tratar será comunicada na altura adequada.